

SINAL EUDES VERAS GOMES
DE LUZ Pelo Espírito Catarina



SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
PRÓLOGO	11
1 A MORTE	13
2 A VIDA	21
3 AMPARO	29
4 O TRABALHO	33
5 DENSIDADE	39
6 OS PASSES	45
7 O REENCONTRO	51
8 SOLIDÃO	59
9 DESDOBRAMENTO	65
10 COMUNICAÇÃO	71
11 O RESGATE	79
12 DA DESPEDIDA AO ACALENTO	87
13 À LUZ DA VERDADE	95
POSEFÁCIO	101

1 A MORTE

As árvores passavam tão rapidamente, que até pareciam leões no momento da caça; papai e mamãe falavam constantemente sobre o quanto estavam cansados. Lembro-me de que a noite vinha caindo e, com ela, toda a claridade do dia. Não sei bem ao certo até onde podia enxergar, se bem que nem me importava, preferi tirar o cinto de segurança e me deitar no banco traseiro, pois, também estava muito cansada.

Lembro perfeitamente do que minha mãe falava, sempre preocupada com o dinheiro e a estabilidade financeira de toda a família, mas ela não era má, penso que só tinha medo da má administração de meu pai. Papai era um sonhador, acreditava que a luta e o bom apreço poderiam levá-lo ao sucesso constante. Já eu, com meus 17 anos, nem mesmo sabia, de verdade, o que era o sucesso nem almejava sonho algum.

A noite chegou; mamãe pedia constantemente que papai encontrasse um lugar para a gente dormir e

descansar, mas aquela viagem ao litoral foi mais tempestade do que calmaria; o retorno para nossa humilde casinha era imaginavelmente encantador e prazeroso naquele momento.

Ah, minha casa! Daria tudo para sentir seu cheiro, mesmo que mofado, o ranger de seu piso ou a maciez de minha cama. Existem coisas que a gente nunca esquece como o sabor de uma boa comida com um temperinho que só a mamãe sabia fazer. Meu Deus! Como era bom escutar aquela goteirinha sobre o forro, ouvir o vento uivar dentre as frestas das janelas ou até mesmo sentir o cheirinho do café passado na hora e ainda ouvir mamãe gritar: “Levante-se, Cristyna, é hora da escola!”.

Papai freou bruscamente, que susto! Até mamãe disse um palavrão, mas a explicação veio logo: um pobre maquinaquinho cruzou a pista e quase morreu; para não matar o bichinho, papai freou e quase matou a gente. Sentei-me imediatamente, puxei o cinto e travei.

— Eu sou jovem demais para morrer! — Exclamei, e meus pais ainda tiveram a audácia de rir.

— Acalme-se, filha, o susto passou, estou muito atento e nada de mal vai lhe acontecer.

— Puxa, Carlos, ainda acho melhor pararmos, veja, ali tem um posto aberto.

— Está bem, Helena, a gente para, pelo menos assim você não fica me aborrecendo!

Esta discussõzinha era completamente comum entre os dois, não se entendiam nunca, mas se amavam. O posto onde paramos parecia mais um *set* de filmagens de um filme

de terror: aquela luzinha que ficava piscando, mas nunca acendia de verdade, aquele barzinho aos fundos, com o atendente nos olhando, sem nenhum ar de riso. Fiquei arrepiada, completamente assustada, papai foi na frente, diretamente ao banheiro, ficando somente mamãe e eu. Sei que estava acordada, mas, em um lugar daquele, parecia um pesadelo.

— Pronto! — disse papai saindo do banheiro e afirmando que havia parado conforme mamãe pedira, e perguntando se queríamos comer algo.

— Credo! — indignei-me, imaginando como seria comer algo naquele lugar; mamãe ficou irada, mas não poderia reclamar, afinal foi ela quem escolheu o lugar.

Foi hilário! De volta ao carro e novamente à rodovia, continuamos nosso regresso e ainda faltava muito. De repente, me deu sono, mas estava insegura quanto a poder soltar meu cinto, lembrava-me claramente do macaquinho.

— Cristyna, está com sono? — Lembro-me de mamãe perguntando.

— Não, mamãe, ainda não!

Pior do que mentir era ter que fingir que não queria dormir, com o propósito de sustentar a mentira. Papai bocejava. Estávamos muito cansados de fato, soltei meu cinto, avancei meu corpo entre os bancos para ligar o som. Naquela hora, ou melhor, naquele segundo, tudo mudou.

Não sei o que houve, nem sei se foi culpa minha, nosso carro rodava, girava feito um peão. Os gritos de mamãe não me saem da cabeça. Senti um ardor por todo meu corpo, depois um vento forte como se eu estivesse voando livre no ar. Havia muita fumaça e poeira. Um feixe de

luz, como se fosse um disco voador, pairou sobre mim e, em instantes, sumiu na escuridão. Ouviu-se um barulho ensurdecedor, seguido de absoluto silêncio.

Vi-me estirada no chão, parecia uma pastagem, mas completamente seca e empoeirada; era estranho eu mesma me ver. Mas lá estava eu; pensei e gritei por meus pais, mas o silêncio era intenso. Chorei, deveria chorar, estava sozinha, com medo, tinha medo daquele silêncio eterno, medo da solidão. Foi quando escureceu ainda mais, o que me fez tremer de tanto medo.

Pensei muitas coisas, mas todas elas não me levavam a nenhuma resposta, só poderia ser um sonho, ou melhor, um pesadelo. Tinha que me acalmar, pensar mais, raciocinar. Parece ter dado certo, o carro rodava, lembrei-me do ardor de meu corpo e pude me ver sendo lançada, atravessando os vidros de nosso carro, voando pelo ar, sendo arremessada contra o chão daquele lugar. Aquilo que parecia um disco voador eram as luzes do carro de meus pais que passaram por mim e sumiram no horizonte.

Meu Deus, meus pais estão mortos! Talvez machucados, preciso achá-los, para onde devo correr, em que direção? O escuro era intenso, me apalpei, estava bem, estava viva.

— Papai, mamãe! — gritava incansavelmente.

Então sentei-me, chorava aos soluços, não havia nada que eu pudesse fazer, não havia direção a seguir. Nesta hora, escutei um barulho, como se alguém que caminhava houvesse pisado em um galho seco. Uma luz, como de uma lanterna, distante, vinha ao meu encontro, quanto mais próxima, maior ela ficava.

Percebi que não era uma luz, mas, sim uma pessoa, um homem todo vestido de branco; era o tecido que emanava aquela luz intensa, porém serena; logo outros se aproximaram, deveriam ser uns cinco, três homens e duas mulheres, me pegaram pela mão, a escuridão virou luz. Um cheiro de capim molhado veio ao meu nariz, pássaros cantavam um hino maravilhoso, uma figueira tão grande quanto eu pudesse imaginar rodeava proporcionando uma sombra fresca; no campo, flores, flores de tantas cores quanto eu pudesse imaginar que existiam, cena que nunca havia visto em toda a minha vida.

Mas que vida? Será que eu havia morrido? Abaixei a cabeça e comecei a rezar, pedi para Deus não me deixar morrer, não queria morrer, não poderia morrer. Era jovem demais, os sonhos a que eu nunca almejei, era mentira! Sonhei me casar com um príncipe encantado, ter filhos lindos, e viver, viver... Eu queria morrer velhinha ao lado de um amor.

— Cristyna? — Escutei me chamarem baixinho. Era um senhor alto, de bastante idade, um dos que eu havia visto há pouco, mas suas roupas já não emanavam aquela luz de antes, no entanto, ainda eram brancas de dar inveja.

— Eu morri? Quem é o senhor? Que lugar é este?

— Calma, uma coisa de cada vez. Primeiro, sou Daniel e você está na Colônia Boa Esperança. Quanto à morte, será mesmo que alguém pode, de fato, morrer?

— Então, não estou morta?

— Morta?! Claro que não. Você simplesmente deixou aquela veste necessária para sua passagem pela Terra.

— Isso é loucura!

— Agora, acalme-se, tudo tem seu tempo.

— Não tenho tempo, meus pais e eu sofremos um acidente de carro, acho que eles... Espere! Se eles morreram também estariam aqui, não é?

— Não necessariamente.

— Como assim?

— Esta é apenas uma das tantas colônias existentes na casa de nosso Pai maior, portanto, mesmo que estejam desencarnados, podem não estar aqui.

— Daniel, mas...

— Acalme-se, Cristyna! Venha comigo. Está vendo tudo isso, toda esta magnitude, este verde pelos campos, estas flores ou esta majestosa árvore? Essa Colônia foi fundada para receber especialmente pessoas que desencarnaram ainda jovens, apesar de que acolhe transitoriamente também pessoas que desencarnaram em diferentes idades. Agora, deixe eu lhe mostrar a Colônia, confie em mim, aqui não existem falhas.

Quando me disse das falhas, acho que lia meu pensamento, já que pensava, naquele instante, como era errado eu estar lá sem ter meus pais comigo.

Daniel, com toda sua paciência, pegou em minha mão e me conduziu a fechar os olhos, mostrando de fato aquela terra, planeta, dimensão, ou como queiram chamar; um mundo espiritual criado por mensageiros de Deus, com tamanha perfeição que os lugares mais lindos e perfeitos do planeta Terra nunca se aproximam dele.

Uma cachoeira de águas cristalinas jorrava sobre um riacho que contornava uma pequena ilhazinha. Nesta, havia uma casa simples, como as cabanas das montanhas geladas, não havia pontes, nem barcos. No céu, um arco-íris constante e encantador; dos meus pés até a margem do rio havia campos verdes e bem cuidados, muitas pessoas estavam lá, andando, trabalhando e cuidando de suas vidas.

